
NÚCLEO DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

97

R
E
V
I
S
T
A

SOFRIMENTO HUMANO, UM CLAMOR POR BOAS NOVAS

Alexsandro Alves da Silva⁴⁹

RESUMO

Se é certo que um Deus fez este mundo, não queria eu ser esse Deus: as dores do mundo dilacerariam meu coração, estas são as palavras do filósofo Arthur **Schopenhauer** em sua obra intitulada, *A Vontade de Amar*. É certo que o mundo está cheio de situações que continuam dilacerando o nosso coração, e podemos afirmar que também tem dilacerado o coração do DeusCriador. Por sua graça e misericórdia Ele poupou a arrependida Assíria na época de Jonas, e no texto mais conhecido da bíblia deixou resgistrado a expressão de seu grande amor pelo ser humano carente de ajudar e salvação, ou seja, no Evangelho de João capítulo 3, verso 16, onde diz: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crê, não pereça, mas tenha a vida eterna. E, por causa deste grande amor de Deus, é que também somos nós, como Igreja, desafiados a irmos ao encontro daqueles que padecem o sofrimento, seja qual for a situação ou a intensidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento, evangelismo, fé, religiosidade.

ABSTRACT

If it is true that a God made this world, I did not want to be that God: the pains of the world would tear my heart, these are the words of the philosopher Arthur Schopenhauer in his work entitled *The Will to Love*. It is true that the world is full of situations that continue to tear our hearts apart, and we can say that it has also torn the heart of the Creator God. By his grace and mercy He spared repentant Assyria in the time of Jonah, and in the best-known text of the bible he left the expression of his great love for the human being helpless and of salvation, namely, in the Gospel of John chapter 3, verse 16, where it says: For God so loved the world, that he gave his only begotten Son, that whosoever believeth in him should not perish, but have everlasting life. And because of this great love of God, it is also us, as the Church, who are challenged to meet those who suffer suffering, whatever the situation or the intensity.

KEYWORDS: Suffering, evangelism, faith, religiosity.

INTRODUÇÃO

O foco do nosso trabalho é identificar, um, dentre os vários caminhos para se alcançar os povos, de maneira mais específica, os que habitam nosso país. O Brasil é composto de um povo multicultural e fruto de uma religiosidade muito diversificada.

Entendemos que a Igreja de Cristo não foi chamada para fazer proselitismo, assim como Ele não fez, mas para evangelizar, isso significa que nossa premissa é apresentação das Boas Novas ao mundo que carece da graça de Deus para sobreviver em meio as suas crises.

O Brasil vive as tensões e virtudes de sua religiosidade, ao mesmo tempo em que as pessoas são confrontadas com tantas confissões diferentes também têm o privilégio de usufruírem da liberdade de escolherem qual caminho desejam seguir.

É neste contexto que temos o grande desafio de apresentar uma mensagem que alcance, que abençoe e que encaminhe nosso povo às verdades bíblicas de forma equilibrada, inclusiva e que alcance todo homem e o homem todo como já vem sendo anunciada pelos pregadores da chamada *Missão Integral*.

A religião é a manifestação cultural de um povo, a qual evidência não só valores apresentados liturgicamente ou por meio da sua arte sacra, mas principalmente a identidade de seus adeptos. A religião de um povo é a principal base para formação de sua cosmovisão, ou poderíamos dizer, é ela que define seus paradigmas, a maneira como um povo entende todas as coisas a que são submetidos.

49 alexsandroalve@gmail.com

Passamos apresentar aspectos básicos de quatro linhas religiosas que são marcantes e bastante influentes, bem como presentes em nosso território nacional desde sua fundação.

Os **indígenas**, com suas tribos e povos, já estavam aqui desde sempre. De forma geral podemos dizer que a religiosidade indígena está relacionada com a natureza e que seus deuses fazem parte desta composição de forças naturais que salva e castiga por meio de ações relacionadas a terra e a produtividade de alimentos, de forma semelhante pode-se dizer que as religiões **afro-brasileiras** também seguem linhas próximas no que diz respeito as suas divindades, pois os mesmos também estão ligados a natureza.

As reuniões a céu aberto nas noites claras de luar compõe o ambiente perfeito para preservação da crença e da cultura destes povos por meio dos contos e mitos, marcados pelas músicas regidas pelo tambor e outros instrumentos de percussão. Os cerimoniais ainda reservam incorporação de espíritos e oferendas.

No caso do Candomblé, religião de origem africana que migrou para cá através do processo de escravagismo instaurado no mundo, logo, por sua vez também presente no Brasil, hoje também seus vários desdobramentos, como a Umbanda e vários outros segmentos religiosos de terreiro.

Já o **catolicismo** brasileiro traz em seu arcabouço litúrgico centenas de séculos de influências externas. O catolicismo segue suas origens europeias, sua liturgia ortodoxa e tradição fundamentada no Papado. O catolicismo trouxe consigo bem mais que uma religião, pois consigo trouxe toda estratégia de dominação Portuguesa, que podia ser vista com a catequização dos indígenas e a massificação da cultura Lusitana sobre os costumes locais. Uma das coisas que se ouvia era a máxima de que “melhor era um índio morto que um índio pagão”. O catolicismo continua forte no país, pelo menos denominacionalmente, influenciando cultural e religiosamente grande parte da população.

Já, o jovem, movimento **neopentecostal** se fundamenta basicamente na experiência mística do Espírito Santo, dos dons de línguas e a libertação espiritual, sendo que grande parte também tem forte desempenho na propagação da teologia da prosperidade, trazendo os ideais capitalistas por meio de suas pregações tem alcançando um número cada vez mais crescente de adeptos.

De forma resumida, estas são características básicas das principais religiões que remontam este grande caleidoscópio religioso do nosso país, e são os ensinamentos e orientações doutrinárias desta imensidão de crenças e desdobramentos espiritualizantes que forma a cosmovisão espiritual do povo brasileiro.

Quando pensamos em uma proposta evangelizadora para o Brasil, precisamos entender que não estamos nos preparando para alcançar uma cultura, mas, várias manifestações culturais nos vastos quilômetros que compõe o país.

De norte a sul, e de leste a oeste, temos particularidades culturais e religiosas muito específicas, caso não consigamos compreender, respeitar e estrategicamente elaborar um plano de ação, dificilmente levaremos algo relevante e que alcance estas localidades. O Evangelho continua o mesmo, devemos pregar o mesmo Reino que Jesus anunciou, mas o povo que irá escutar será um povo completamente diferente daquele que ouvia o Mestre, seja na montanha, a beira mar, ou junto aos grandes rios da cis e transjordânia.

Escrevendo sobre a maneira como um povo ou indivíduo compreende o mundo, Maurício Cunha e Beth Wood (2009, p.51), nos ensina que, “é a cosmovisão

que provê as respostas para as três questões básicas do ser humano em relação à realidade percebida e à vida: 1) as questões relacionadas ao ser; 2) as questões morais, que definem o certo e o errado; 3) as questões epistemológicas, relacionadas ao conhecimento”.

Portanto, o Evangelho anunciado pela Igreja visa primordialmente corrigir as distorções quanto ao conceito que temos de nós, do mundo que rodeia, das pessoas, da vida e qual é a concepção à cerca de Deus e da relação que ele estabelece com o mundo.

Uma das distorções quanto a visão de mundo é a **secularização**, onde não há mais lugar para Deus e cada um busca suprir suas necessidades e encontrar seus prazeres, afinal, o homem é a medida de todas as coisas. Por outro lado, temos **animismo**, *um sistema de crenças que coloca a realidade como primordialmente espiritual*, onde tudo que há de ruim é provocado pelos demônios ou pela ira dos deuses e para que isso seja evitado, é necessário que o ser humano viva em harmonia com a natureza e com os deuses, apresentando seus sacrifícios e oferendas, pois assim tudo estará em perfeita paz (CUNHA & WOOD, 2009, p.53).

Desta forma se apresentam, de forma geral, as crenças ou descrenças que dão forma e deformam o mundo do qual fazemos parte. Uma terceira maneira para entendermos o mundo está na perspectiva bíblica, o que também é chamado de, **Teísmo Bíblico**, que nada mais é do que o sistema de valores e crenças apresentados na Bíblia Sagrada. CUNHA & WOOD, assim definem:

O teísmo bíblico traz em si uma série de fatores importantíssimos e influentes em todas as áreas da vida: o desenvolvimento moral, o valor do trabalho, a virtude do serviço e da solidariedade, a capacidade do homem para controlar a natureza, a mordomia da Criação, o conhecimento e a aplicação da verdade, a capacidade criativa do homem etc. Todos estes fatores são fundamentais e exercem uma base sólida para o desenvolvimento, a liberdade, a justiça, a compaixão e a prosperidade. (2009, p.54)

101

O Teísmo Bíblico é a base da fé cristã e nosso desafio é vivermos em acordo com seus valores. Somos desafiados a anunciar a verdade de Deus numa cultura alicerçada em muitas crenças e valores distorcidos, onde Satanás tem reinado, oprimido e causando pobreza espiritual e física, injustiça, miséria, fome, discriminação, desesperança, dor e morte.

Este é nosso desafio com povo de Deus, pois o sistema de crenças determinam os valores de um povo, o que por sua vez determinará seu progresso ou seu fracasso, logo:

... precisamos desenvolver estratégias ministeriais criativas que tratam das questões da cosmovisão brasileira, estudando nossa história, a nossa arte, as músicas que nosso povo canta e que refletem aquilo que ele valoriza e anseia e em que ele crê. Não nos esqueçamos: se falharmos em discipular a nossa cultura, seremos discipulados por ela. (CUNHA & WOOD, 2009, p.67)

O SOFRIMENTO HUMANO COMO POSSIBILIDADE DE PREGAÇÃO NUM BRASIL MULTIRELIGIOSO

Jesus disse, *no mundo tereis aflições (...)*, estamos convencidos de que o sofrimento faz parte da vida humana, das civilizações, da história do mundo. O sofrimento é algo comum a todos os que vivem neste mundo que jaz no maligno (Ef 2.1).

R
E
V
I
S
T
A

Ainda que tenhamos a Deus, que nossa teologia esteja bíblicamente correta, nossa ética pronunciando bom testemunho, bem como, nossa experiência de fé alcance um relacionamento profundo com o Senhor Jesus, ou ainda que tenhamos muitos dons do Espírito Santo, ainda assim estamos sujeitos a dor e ao sofrimento, continuamos no alvo das aflições da vida. No entanto, creio como bem menciona Harald Malschitzky (2005, p.15), *creio que Deus pode e quer fazer com que nasçam coisas boas até do maior mal*, ao fazer citação da palavra de Dietrich Bonhoeffer.

É muito difícil entender a razão porque algumas coisas acontecem no decorrer da vida. Somos muitas vezes levados a questionar as circunstâncias numa tentativa inútil de encontrar respostas claras, absolutas, e convincentes.

Como um pai poderá ter clareza diante da morte de sua pequena filhinha que numa fatalidade morre em seus braços em meio a uma brincadeira de crianças. O pai corre com sua filhinha no colo juntamente com outras crianças em uma praça pública, de repente, um escorregão, um tombo, o leva cair sobre a menina, pressionando-a contra a calçada. Algumas costelas da menina que se quebram perfurando os pulmões da pequena, que aos poucos, vai desfalecendo enquanto espera o socorro médico chegar.

Ou o pai que todos os dias era recebido pelo filhinho no portão de casa com um aconchegante abraço, e depois de banharem-se deitavam-se na rede para aproveitarem a felicidade de terem um ao outro. Os dois foram abandonados pela mesma mulher, a esposa foi embora deixando mil dúvidas na cabeça do homem e a incompreensão e ausência maternal para o filho. Mas, juntos lutavam para superar essa dor.

Um dia desses, os dois, como rotineiramente faziam, deitados na rede. O menino silencia-se segurando a mamadeira, e o coração paterno acreditava que o silêncio do filho era fruto do sono do infante, mas não naquele dia. Um barulho estranho de espoleta que estourava em algum lugar, era um projétil disparado num lugar qualquer que ninguém sabia e nem queria saber, e então, um líquido quente escorre no corpo do homem que não conseguia pensar em outra coisa, senão que o leite da mamadeira de seu filho lhe escorria, no entanto para sua dor e desespero, era o líquido de vida de seu menino, o sangue valeroso daquela pequena vida que escorria levando o maior bem que possuía. O ex-marido agora também se tornara pela fatalidade da vida um ex-pai porque naqueles arredores aconteceu uma “bala-perdida”.

Como explicar isso? Como dar resposta? Como aceitar? Essas coisas podem ser chamadas de fatalidade quando acontecem com os outros, mas nunca quando batem a nossa porta, quando fazem parte de nossa vida. As tragédias nunca perguntam se podem entrar, simplesmente entram, machucam, magoam e rasgam a alma, sem fazer questionamento quanto ao credo que pertencemos, se somos ou não cristãos.

Pessoas são assassinadas, ou suicídios acontecem em todos os países, os de primeiro mundo ou na periferia brasileira, isso acontece nas famílias de todas as classes. As drogas não fazem parte só da favela, pais e mães choram nas mansões. Os progenitores bem empregados e desempregados podem chorar com a doença incurável num estágio terminal que atormentam seus rebentos, assim como filhos e filhas lamentam a maneira tão brusca com que perderam seus pais, seus parentes. Como diz KASPER (1992, p.49):

Diz-se que o mal é uma realidade da experiência humana. Existe uma realidade abissal, de absurdos, elementos monstruosos, potências destrutivas, uma realidade privada de subsistência e de rosto. Dela falam não só Bíblia e a Tradição eclesiais, mas também a literatura moderna, e as modernas ciências humanas.

A mãe índia, a mãe de santo, a mãe do meu amigo, a mãe católica, a mãe negra, a mãe que eu não conheço, hoje, podem estar aos prantos desesperada por não saber onde seu filho está, porque não foi encontrado depois da última tempestade, da última tragédia natural que consumiu com tantas pessoas que não se sabe exatamente o número de pessoas.

Ninguém sabe como será até que o dia mal chega, surpreendendo, roubando as palavras, tirando o fôlego. Isso não é uma questão religiosa, mas humana. Neste sentido é que as verdades do Evangelho começam a ganhar notoriedade e a proclamação desta mensagem se torna a esperança ao mundo cercado pelos muitos males que sufocam a vida.

Numa análise mais estrutural e abrangente, MURDOCK (1991, p.97-98) nos desafia a pensar e agir como Igreja na perspectiva da teologia da cruz, dizendo:

No meio do abandono de nossos povos, da soberba e da insensibilidade da oligarquia, da corrupção da classe política e da burocracia oficial, onde o Estado não responde à reivindicação do povo senão com repressão, a Igreja fiel ao Cristo da cruz não pode deixar o caminho da cruz pela segurança do claustro nem pela comodidade da catedral. Do mesmo modo que Jesus e o Evangelista Marcos, vivemos em tempo de violência, e Deus nos chama para enfrentarmos a violência e vence-la pela cruz. Afinal de contas, o que está em jogo é a própria vida, e a única maneira de viver humanamente no meio da violência desumanizante é se fazer solidário com as vítimas. “Aquele que quiser salvar a vida há de perde-la, mas aquele que perder a vida por amor de mim e pela causa do Evangelho, há de salvá-la”. (Mc 8.35)

Este texto do Evangelho de Marcos não é somente um desafio a consagração da vida, mas também um desafio a proclamação do Reino de Deus a despeito das dificuldades, dilemas, e os muitos problemas vividos pelas pessoas, os quais são nossa principal motivação na caminhada como discípulo daquele que foi ao encontro dos que sofrem.

O Verbo que se fez carne e veio habitar em entre nós é o próprio Deus que decidiu enfrentar as muitas lutas humanas em favor daqueles que ele amou de tal maneira. Jesus preferiu estar com os pecadores porque eles precisavam de salvação, precisavam ser resgatados, assim como preferiu estar cercado dos doentes porque eram estes que precisavam de médicos.

O LIVRO DE JÓ COMO DESPERTAMENTO DA IGREJA PARA COM OS QUE SOFREM

O Livro de Jó conta a história de um homem asoberbado por aflições (ANDERSON, 1984, p.13). Assim foi definido pelo estudioso Francis I. Anderson em seu comentário sobre este escrito bíblico. É impossível nos lembrar do livro de Jó sem relacioná-lo com o sofrimento humano, sem pensar sobre a angústia que é, muitas vezes, acometido o ser humano.

O sofrimento e os males da vida podem ser vistos através das lentes do passado, mas as vezes não encontramos respostas satisfatórias. No entanto, é melhor que o vejamos na perspectiva das possibilidades do futuro, como oportunidade de experimentarmos o poder transformador de Deus em nossa vida, neste caso, somos levados a entender de que tanto o bem como mal são faces da mesma moeda e todos, tanto juntos como injustos

podem beber deste cálice durante sua existência, mas as consequências finais são definidas por uma fé sincera diante de um Deus misericordioso capaz de atender a um coração sincero, mesmo que tomado pela revolta da dor e da perda.

O livro de Jó, assim como os demais livros sapienciais, como Provérbios e Eclesiastes tem como característica peculiar um caráter “intemporal” e “universal”, que os fará relevantes em todos os lugares e épocas em que forem lidos. Sempre haverá lugar para o livro de Jó, pois sempre em algum lugar do mundo a experiência do sofrimento estará presente, assim como haverá “sempre tentativas angustiantes de resolve-las” (GABEL & WHEELER, 1993, p.120).

Convencionalmente o Livro de Jó foi estabelecido como escrito num período patriarcal, sendo considerado por alguns autores como o escrito bíblico mais antigo. Porém, entendemos que a melhor data para este escrito esteja no período de um ou dois séculos antes ou depois do Exílio Babilônico, ou seja, Séc. VI a.C., conforme afirma GABEL & WHEELER (1993, p.109). ASENSIO (1997) reforça a composição sendo neste período, e mais especificamente Séc. VII a.C., onde o tema do sofrimento inocente, comum em Jó se relacionava com outros escritos do mesmo período, como, Deutero-Isaías, Jeremias, Lamentações, apoiam a ideia pós-exílica.

SELLIN & FOHER (1977, p.490), comungam do mesmo pensamento, dizendo:

Não se pode fixar com precisão de origem desse livro. Determina-se o limite superior de sua idade, sabendo-se que o poeta se utilizou da lenda de Jó numa forma posterior ao exílio e que se inspirou em Jeremias e no livro de lamentações. A citação de reis, de conselheiros e de funcionários em 3,14s corresponde à administração do Estado pérsico (cf. Esdras 7,28; 8,25), ao passo que 19,23s supõe o conhecimento da inscrição mandada gravar por Dário I no rochedo [de Behistum]. O vocabulário sugere também o mesmo período. Se, além disso, consideramos as circunstâncias históricas e espirituais daqueles tempos, então podemos pensar nos séculos V-IV a.C. como épocas em que o livro apareceu. Os acréscimos foram feitos, o mais tardar, no século terceiro.

104

JÓ O SOFREDOR ALCANÇADO E CUIDADO POR DEUS

Primeiramente, nos parece que Jó caiba melhor na função de personagem que representa um grupo, ou seja, aquele que dá voz e expressa uma causa, pensado e criado para tal. Ele, ao mesmo tempo em que é protagonista em uma história cheia de desafios, pode ser visto com um coadjuvante no que se refere a vida humana em suas crises que advém e surpreendem, sem data, sem hora, ou seja, é inusitado.

Jó traduz em suas atividades e respostas o humano que tem suas convicções, neste caso, nos é proposto pelo autor a discussão sob o ponto de vista religioso. Assim, como Jó, o leitor é desafiado a se deparar com o caos provocado no embate da fé e do sofrimento, onde fica a pergunta: como encontrar saída diante do sofrimento extremo?

Neste sentido o autor do livro nos enreda de forma sutil e eficiente propondo, primeiro, algo que nos choca: a situação de sofrimento assoberbado de Jó. A partir daí sugere uma série de respostas que tem a ver com nossas convicções pessoais e coletivas, onde por mais que queiramos não conseguimos nos livrar do peso de consciência por não poder explicar com respostas prontas, seja de cunho religioso ou em qualquer outro âmbito da vida, sempre temos que nos deparar com a dor enfrentada pelo personagem “Jó”.

Durante a leitura do livro vamos mergulhando num oceano profundo de caos e extrema escuridão, onde cada diálogo que se trava, mais uma luz se apaga e continuamos a afundar. Até que somos salvos juntamente com Jó, quando o Senhor chega, entra em cena e assume o palco da história, e suas respostas a Jó, começa a nos trazer de volta a superfície e as luzes da razão, da fé e da esperança começam a se acender novamente.

A partir deste ponto que somos convidados e entram novamente nesta fascinante e surpreendente história, onde as respostas humanas são insignificantes diante do sofrimento, mas a experiência com o Senhor e Criador de todo o universo é que se faz a única possibilidade de salvação e transformação da vida diante da morte e do sofrimento.

Como nação sentimos as dores de um país que carece de muitas soluções, que clama por socorro, por justiça, por não saber se haverá um leito na hora que a doença bate a sua porta. Que sente a insegurança todas as vezes que precisa deixar sua casa para sair para batalhar pelo pão de cada dia; que luta para conseguir uma casa para chamar de sua; que vê a escassez como fruto do crescente desemprego. Jó representa nosso povo brasileiro em suas muitas faces de dor, em suas muitas necessidades.

Uma proposta que nos fica como estratégia de alcance está na capacidade de olhar com sensibilidade e disposição além de nossas limitações para enxergar a dor do mundo. Isso será possível aliando nosso discurso a partir das necessidades e sofrimento presentes em nossa sociedade. Diante desta percepção-do-outro, gerarmos saúde em meio as doenças.

As falácias dos amigos de Jó se tornaram apenas uma tentativa humana para explicar a dor inexplicável de um amigo em desesperador sofrimento, e isso não mudou a situação, assim como não tem mudado a vida de uma só pessoa o discurso deslocado proclamado por muitas religiões.

105

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos voltar ao Evangelho anunciado por Jesus, precisamos resgatar o ideal da encanação e razão pela qual Cristo se entregou para fazer-se sofredor em nosso lugar, precisamos revelar as conquistas da morte do Enviado de Deus.

Hoje o mesmo Cristo está presente na Igreja para que esta o revele ao mundo, e aquela que um dia foi alcançada se disponha a alcançar, da mesma maneira que foi perdoada e redimida, assim também proceda para que o amor de Deus transponha barreiras e continue transformando vidas.

Neste sentido a Igreja de Cristo se tornará capaz de viver e compartilhar o verdadeiro evangelho, não para ganhar mais adeptos, mas para ganhar vidas e resgatar pessoas das garras do inferno vivido por muitos. Não o inferno do diabo de tridente com chamas infundáveis, mas o inferno do sofrimento, do desespero, do abandono, do abuso, da injustiça, que tantos males trazem e que tanto dor provocam.

O Verbo que se fez carne e que veio habitar em entre nós é e será nossa principal motivação, pois ele nos mostra que o próprio Deus decidiu enfrentar as muitas lutas humanas em favor daqueles que ele amou de tal maneira. Jesus, o Deus encarnado, preferiu estar com os sofredores porque eles precisavam de salvação, precisavam ser resgatados, assim como preferiu estar cercado dos doentes porque eram estes que precisavam de médicos.

R
E
V
I
S
T
A

Assim Deus nos ensina que o caminho de libertação e prosperidade está nele e ele deseja nos conduzir a todos por este caminho. E para isso, ele irá gerar na vida de seus redimidos uma mudança de mente e coração para mudar a vida destes em relação ao sofrimento e a tudo com que ele se relaciona.

Não temos uma simples proposta e estratégia de alcance evangelístico do mundo, mas uma missão em direção ao mundo, e a porta que se abre para alcançarmos o coração do mundo, na vida de cada ser humano é o próprio sofrimento em que eles se encontram, pois o Evangelho que cremos e por meio dele somos abençoados, é nossa mensagem ao mundo sofredor.

Jesus disse e nós precisamos anunciar: *Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.* (Mateus 11.28)

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDERSON, Francis I. Jó Introdução e Comentário. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1984.

CUNHA, Maurício J.S. & WOOD, Beth A. O Reino entre nós, transformação de comunidade pelo evangelho integral. Ultimato, Viçosa, 2009.

GABEL, Jhon & WHEELER, Charles B. A Bíblia como Literatura. Loyola, São Paulo, 1993.

KASPER, Walter; KERTELGE, Karl; LEHMANN, Karl; MISCHO, Johannes. Diabo, Demônios, Possessão: da realidade do mal. Loyola, Petrópolis, 1992.

106 MURDOCK, Willam. A Theologia Crucis Marci vista da encruzilhada da América Latina (Ensaio sobre a teologia do Evangelho segundo Marcos). RIBLA, Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Vozes & Sinodal, Petrópolis, 1991.

NOVA BÍBLIA VIVA. Mundo Cristão, São Paulo, 2010.

SELLIN, Ernest & FOHER, G. Introdução ao Antigo Testamento. Paulinas, Vol. 2, São Paulo, 1977.